

MÔNICA CHAVES ABDALA: HISTÓRIA DE VIDA, TRAJETÓRIA ACADÊMICA E CAMINHOS TRILHADOS

A entrevista com a Mônica Chaves Abdala é uma iniciativa do grupo PET Sociais. Trata-se de um relato de História de Vida. A partir da leitura de textos, do Memorial elaborado pela professora para a banca de Titular na Universidade Federal de Uberlândia, buscou-se, com esta entrevista, levantar um conjunto de informações sobre a trajetória de vida e acadêmica de Mônica Chaves Abdala.

O intuito foi levantar informações sobre as escolhas e os caminhos que levaram-na ao curso de graduação em Ciências Sociais e a se tornar professora nesta área.

A história de vida consiste em um método de pesquisa que busca, por meio da história oral, analisar e conhecer o processo de constituição do ser social em suas experiências dentro e fora do meio acadêmico e como elas influenciam as escolhas pessoais e profissionais.

O grupo responsável pela entrevista é composto pelos seguintes estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia: Adrielle Souza, Bárbara Stefânie Borges Araújo, Érika de Freitas Arvelos, Fernanda Luzia da Cruz, Gabriel Rangel Saraiva, Gabriela Pinheiro Castro Alves, Larissa Damiana Santos Rodrigues, Larissa Godoi Pereira, Leidiane Lobo Albernaz, Lívia Maria Borges Nogueira, Mônica Junqueira Justino, Natália

Cristina Dreossi Costa, Petrus Kairos Ruzene, Thais Ferreira da Silva. Patrícia Vieira Trópia é tutora do PET Sociais.

A entrevista foi coordenada por Luciano Senna Peres Barbosa, então coordenador do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, a quem o grupo PET Sociais agradece especialmente.

Pet Sociais: Você poderia falar um pouco como era a sua vida em Uberlândia, antes de ir para São Paulo cursar Ciências Sociais? Qual era a visão que você tinha de Uberlândia?

Mônica: Olha, eu não gostava, não me sentia bem aqui. Aqui era uma *vidinha* muito de “interiorzão” mesmo. Aquela coisa de final de semana você ir para bar. Eu ia para um bar que chamava Garibaldis, ficava embaixo do Hotel Presidente. Então, o que a gente fazia? Íamos para a porta do bar ficar conversando, era o tal do “footing” que vocês já devem ter lido em algum lugar. Não era mais andar em volta da praça, já tinha passado esse tempo, mas não era muito diferente. As opções culturais não existiam, eram praticamente nulas, pelo menos em 1976. E a Universidade aqui estava começando, ainda nem tinha Universidade Federal, só as faculdades isoladas. Então você tinha uma cidade que era realmente típica do interior, extremamente conservadora. O que você tinha pra fazer? Assistir filmes. Vocês sabem o que eu assistia? O que passava nos cinemas. Por exemplo, “Trinity”, que vocês nem devem ter ouvido falar. Vocês viram agora falar que morreu o Bud Spencer, um ator italiano? Ele era um dos protagonistas do “Trinity”. Era um filme “Western”, feito na Itália, com artistas italianos, mas era como se fosse passado nos Estados Unidos, porque o Western é um estilo americano. Passava muito filme no estilo Kung fu e as grandes bilheterias da época, como tem hoje também. E tinha o Cine It, que era um cinema que foi derrubado agora. O Cine It era um cinema pornográfico. Eu fui algumas vezes porque não tinha outra coisa pra assistir e não gostei. Os dois filmes que eu assisti, eram filmes de assassinato, drama, terror, sei lá... enfim, era isso que tinha pra fazer na cidade.

Quanto às escolas de Uberlândia, eu estudei na época do regime militar. As escolas eram rígidas, extremamente rígidas. Vigiam as suas redações, vigiam o seu comportamento. Eu tinha tido preso político na família, então, eu me sentia uma pessoa visada. No Estadual [escola] você não podia por o pé pra fora

da sala. E se colocasse era suspenso. Eu tive uma experiência muito difícil, que deveria ter sido boa mas não foi. Eu estudei no Museu [Escola Pública de Uberlândia], fiz vestibular e passei. Eu fiz 6 meses de cursinho, mas não acho que o cursinho ajudou. A escola pública era muito boa naquela época e o Museu era uma Escola excelente.

Eles fizeram com a gente uma experiência, que foi muito desagradável, uma experiência “nazista” mesmo. Como muita gente estava saindo das escolas públicas e indo para escolas particulares, por causa dos vestibulares, o Museu reagiu com uma experiência de separar as salas, pegando os melhores alunos, colocando-os na sala “A”, os médios na sala “B” e “os mais fraquinhos” na “C”. Eu fui para o 1ºA e era uma experiência muito desagradável. Eles faziam questão de manter o nível e a forma da escola estadual de Uberlândia, que foi uma escola que formou políticos importantes, médicos proeminentes, juristas, enfim. A escola nos via de uma maneira desagradável. Eles chegaram até a fazer nosso horário de recreio diferente. Era como se a gente fosse a elite da escola, a elite intelectual intocável. Foi uma coisa muito horrível. E eu era uma aluna comportadíssima, que só tirava notas excelentes a vida toda. E foi a primeira vez na vida que eu fui para o fim da sala, porque isso me incomodava e eu não conseguia conviver. Eu sentava no último lugar da sala, coisa que nunca tinha acontecido na minha história de vida. As pessoas disputavam muito entre elas quem era o melhor, as vaidades eram muito intensas. Se éramos os melhores, quem era o melhor dos melhores?

Pet Sociais: E como que foi romper isso tudo? Não deve ser algo convencional uma jovem solteira, que decide fazer o curso de Ciências Sociais, morar sozinha, saindo de uma cidade conservadora como era Uberlândia.

Mônica: A minha família era diferente, essa era a verdade. Eu não conseguia me encaixar no padrão. Do ponto de vista das relações sociais, era considerada “cocôzinha”, hoje conhecida como patricinha. Eu era, do ponto de vista das relações sociais, a menina de classe média que convivia com a classe média da cidade, convivia com as meninas que eram mais quietinhas. Eu não era muito de farra, de sair, de viajar, era mais caseira. Tive namorados muito cedo. Eu namorei firme no ginásio, então era uma menina mais caseira. E na época que eu parei de

namorar, eu não gostava daquela vidinha de ficar indo pro Garibaldi todo fim de semana. A vida aqui não me satisfazia, eu queria mais.

Pet Sociais: Mônica você mencionou que sua família era diferente. Em que sentido?

Mônica: Porque grande parte das pessoas com as quais eu convivia defendia o regime militar, apoiava, não criticava. Em uma cidade muito conservadora, a tradição da minha família não era essa, dentro de casa eu via muita crítica.

Pet Sociais: A sua família já tinha um pensamento diferente do padrão da cidade?

Mônica: A minha família tinha um pensamento diferenciado. Eu tinha um familiar que foi um preso político. Então tive uma história dentro da minha casa... Essa cidade me incomodava. Eu não era feliz aqui. Eu gostava demais das minhas amigas, dos meus amigos, da minha família em geral. Por morar em Uberlândia, eu sempre aprendi a conviver com as diferenças. Havia pessoas que defendiam veementemente o regime militar.[...] Aprendi a conviver. Eram tempos de terror. E como eu já havia dito, eu era visada, eu era uma menina que nunca tinha feito nada, comportadinha, mas eu tinha um familiar que era considerado “perigoso”.

Minha irmã fez História, ela também não gostava dessa cidade, sempre quis sair, mas meus pais não deixavam. Ela acabou se casando com 19 anos, teve filho e mudou sua história. E eu não queria aquela história pra mim. Casar com 18 anos, ter filhos, ficar morando aqui, frequentando aquelas conversas de salão, o Garibaldi, os filmes horrorosos, sem perspectiva. Na minha casa eu ouvia bossa nova. Algumas colegas e amigas nem sabiam o que era bossa nova, não conheciam. Eu nunca esqueço disso... Teve uma vez que eu tive que pegar os discos e tocar, explicar para elas o que era bossa nova, porque as pessoas não tinham informação. Meu irmão estudou e morou fora muitos anos e ele trazia muitas novidades. Meu pai nunca fez faculdade, mas sempre foi uma pessoa muito informada, um leitor voraz, um crítico. Ele sempre lia os chamados “perigosos”. Eu nunca esqueço, quando eu estava no colegial e fui pegar o livro *O ventre*, do Carlos Heitor Cony, na biblioteca. A mulher da biblioteca olhou pra

mim e perguntou: “Como? O que você vai fazer com esse livro?” Ela foi me questionar por que eu estava pegando o livro.

Na cidade, as pessoas te vigiavam, te controlavam, controlavam o que você estava lendo, o que você estava vestindo, o que você fazia, se a menina tinha mais de um namorado. Eu tinha uma vizinha que era muito bonita e se ficasse namorando demais já chamavam-na de “fubá”. Com isso as pessoas iam atrás dela para “se aproveitar”. Porque a boa moça daquele tempo levava meses para pegar na mão do namorado. Imagina pra dar um beijo! Se a garota ousasse fazer diferente, era “fubá”, caía em desgraça, as amigas não chamavam para mais nada, ninguém queria sair com ela. Era isso que se vivia aqui. Era muito pra minha cabeça!

Pet Sociais: Você considera que a escolha do curso de Ciências Sociais, fora os interesses intelectuais, era também uma forma de marcar esse distanciamento?

Mônica: Ainda não. Foi uma ingenuidade, um susto. Porque eu queria fazer Arqueologia e eu queria fazer um curso que não tivesse em Uberlândia. Porque qualquer curso que eu quisesse fazer e tivesse em Uberlândia eu teria que continuar aqui. Então, se eu fosse fazer História meu pai iria dizer: “Faz história aqui, aqui tem”. Meu irmão me incentivava muito a mudar de cidade. Ele já não morava mais no Brasil. Ele tinha ido embora, ele não aguentou ficar no Brasil depois de toda experiência desagradável que o país passou. E ele incentivava muito meu pai a me deixar ir embora, a crescer. Com isso ele me mandou um guia da USP de presente e fiquei procurando Arqueologia e eu errei. Eu vi Arqueologia nas Ciências Sociais, então eu fui fazer Ciências Sociais. Mas meu sonho era ser arqueóloga. Eu queria estudar o passado, eu era apaixonada pelo passado, sempre fui. Lia muito coisas de história, sempre me interessei por história. Mas quando eu entrei na Ciências Sociais eu não tinha noção no que estava entrando. Eu fui pra fazer Ciências Sociais, crente que eu ia mexer com passado. Com índio eu até já sabia... Mas eu não tinha noção do que era Sociologia. No primeiro dia de aula eu estava sentada com cem alunos em um auditório imenso da USP. E lembro-me de um colega de classe chamado José Carlos. Eu nunca vou esquecer o nome daquele menino. Depois ele virou ator de teatro... José Carlos pulou na frente da gente informando: “Gente, gente, temos que fazer greve! Morreu um operário na construção do prédio da Física”.

Eu fiquei assustadíssima com aquilo. Mas eu não era medrosa, nunca fui. Andei muito nas ruas de São Paulo fazendo, participando de movimento com cavalaria em cima da gente. Nunca esqueço, eu e a Eliane¹, professora, um dia, no centro da cidade, participando de uma manifestação. Baixou a cavalaria, a gente abaixou pra se esconder e passou um homem de terno aqui de Uberlândia que disse: “O que vocês duas estão fazendo aqui?”. Foi o maior susto [a cavalaria]. Nós íamos para as manifestações enfrentar. E a gente enfrentava. Nunca tive medo! Mas eu me assustei porque eu pensava assim: “Meu Deus, eu não posso fazer isso com meu pai e com a minha mãe e eu também não posso ser presa”. A primeira coisa que me passou foi ver todo o sofrimento dos meus pais. Foi um choque. E o choque foi a cada dia. Quando o professor Gabriel Cohn entrava na sala de aula para falar sobre Weber, eu nunca tinha ouvido falar de Weber. Então eu pensei: “Meu Deus, quem é Weber?” E Gabriel Cohn falava com uma familiaridade, com uma segurança. E todo mundo anotando. Eu não conseguia nem saber se era com V ou com W. Então, eu nunca havia ouvido falar do Weber. Marx, quem não ouviu falar? E isto nos primeiros dias de aula, no primeiro semestre. Eu me assustava com tudo. Eu tinha que viver correndo atrás para descobrir as coisas. Minha irmã me ajudava muito porque ela já tinha feito um curso, ela já tinha feito História. Mas eu era literalmente isso: uma ingênua, assustada, sem saber onde estava se metendo ... Mas à medida em que eu descobri, eu falei: “Acho que eu vim pro lugar certo. E é aqui mesmo que eu tenho que estar”. Porque eu podia ter saído, ter feito outro curso, eu tive essa oportunidade, na época tinha vários cursos novos. Fisioterapia era um curso novo. Terapia Ocupacional. A USP era cheia de cursos novos e eu conhecendo aquele monte de cursos, eu podia ter feito. Mas eu me encantei desde o primeiro dia de aula de antropologia! Ai eu falei: “É aqui mesmo que eu quero estar”. Mas ainda achando que iria estudar arqueologia indígena. Ou algo relacionado a isso.

Pet Sociais: Mas como é que o seu interesse pela Antropologia foi se revelando?

Mônica: Fui me envolvendo de uma maneira muito intensa. No começo eles davam Antropologia Física para a gente. Veio o pessoal veterano nos

¹ Eliane Schmaltz Ferreira é professora aposentada do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

convidando pra assistir aulas na PUC com Edgard Carvalho e com a Carmem Junqueira de Antropologia Social e Cultural para percebermos que a USP “estava superada”. Mas eu estava encantada com a Antropologia Física porque me dava uma conexão com a arqueologia. Mas quando eu conheci a Antropologia Social eu também me encantei, principalmente porque eles falavam de índios, das tribos e para nós era uma coisa forte, muito viva, da cultura. E aquilo foi me atraindo de tal forma... A minha turma, quando entramos na USP, por causa de influências dos veteranos, recusou-se a assistir aula. Dissemos que se eles não mudassem o conteúdo nós não íamos mais assistir aula de antropologia física - o que foi uma burrice, uma pena. Porque acho que teria sido uma das últimas vezes que teria sido dada a [obra da] Gioconda Mussolini².

Nós nos reunimos e quando fomos assistir às aulas da Carmem Junqueira e do Edgard Carvalho achamos que a USP realmente estava superada e recusamos a assistir as aulas. E eles se recusaram a dar outra coisa. Com isso perdemos o semestre. Foi uma queda de braços em que cem alunos ficaram sem aulas. Deste modo no outro semestre duzentos alunos teriam que fazer a matéria. Dessa forma eles dividiram a sala para quatro professores com cinquenta alunos cada. E aí que começou minha grande, grande, imensa paixão pela Antropologia. Porque eu fui aluna, se você conheceu você sabe, até arrepio de lembrar, da Maria Aracy de Pádua Lopes da Silva, que foi uma antropóloga maravilhosa. Emociono-me quando falo dela. Uma professora de verdade porque era uma pessoa muito especial, tanto do ponto de vista teórico como pessoal. E eu me envolvi com a Aracy e grandes nomes da antropologia da USP e fui me apaixonando. A USP tem essa vantagem. Tinha, não sei se ainda tem. Você fazia o básico depois escolhia uma área. Desde o básico me identifiquei com a antropologia. E depois eu segui, fiz algumas disciplinas na sociologia, que eram mais legais e interessantes. E uma na política que era com o Francisco Weffort. Ele era um grande cientista político, maravilhoso e eu quis fazer a disciplina por causa dele. Tinha muito isto. Estava muito irritada na época porque todo mundo queria fazer a disciplina do José de Souza Martins. Era sociologia do cotidiano. Então eu não fiz. Eu fiz a do Weffort. E a Carmute [Maria do Carmo Campelo de Souza] também era uma cientista política... O que é aquilo? Aquela mulher

² Gioconda Mussolini foi professora de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo no período de 1944 a 1969.

não existe. O Juarez Brandão Lopes foi meu professor de política no primeiro ano. As aulas dele eram muito boas. Então assim nós tínhamos grandes professores, contato com grandes obras, com coisas que você nunca tinha refletido, ouvido falar, gente muito ativa. Logo eu me meti com o movimento estudantil. Mas eu não era da Libelu [Corrente do movimento estudantil Liberdade e Luta]. A Libelu era mais radical... Eu atuava discretamente, era uma ativista do movimento indígena. Eu fui uma das primeiras dez pessoas a assinar a Ata de Fundação da Comissão Pró-índio de São Paulo. Então desde cedo eu me meti com a antropologia e o movimento indígena. Nós fazíamos grandes eventos, trazendo índios, trazendo gente de tudo o que é canto. A USP era muito ativa na área da antropologia. Então, vinha Eduardo Viveiros de Castro, Ione Leite, Lucia van Velthem. Esse pessoal vivia na USP lá com a Aracy. Eu os acompanhava, estava sempre com eles, íamos a seminários e discussões. Portanto acho que eu cresci muito, nesse sentido, com o povo da antropologia. E fui até meu último dia de aula crente que eu ia ser uma antropóloga na vida. No último dia de aula eu estava descendo a escada, literalmente, e tinha um colega me esperando e me disse: “Tem um trabalho na aldeia indígena você topa? Eu topo!”

Terminei o curso em um dia e no outro dia fui para o Mato Grosso. Foi uma experiência muito rica, foi sinceramente a experiência mais importante, mais rica, e eu acho que até mais feliz. Eu amei morar com os Guarani. Adorei, foi uma experiência muito, muito boa. A minha experiência com os Kaingang não foi tão boa, foi mais difícil.

Pet Sociais: Seu interesse pelas questões indígenas surgiu com o contato com o movimento estudantil ou teve outras influências?

Mônica: Não, foi com o contato com esses professores, com as aulas, com os livros que eu ficava apaixonada. Eu tive ótimos professores, Lux Vidal, Aracy Lopes da Silva, Sylvia Caiuby Novaes, a Renate [Renate Viertler], que dava aula dos [autores] originais. Lemos tudo sobre os Bororo, eu sei mais Bororo do que Guarani com quem eu morei. Eu sei o ritual de imposição do estojo peniano Bororo total, porque nós tínhamos contato com a obra desses grandes cientistas que tiveram aqui no começo do século. Então começamos a ler italiano, para ler sobre os Bororo. A Renate era muito apaixonada e ela passava essa paixão para a

gente tal como a Lux Vidal e a Aracy. Estudávamos as teorias antropológicas, mas sempre tínhamos aplicações em discussões, como, por exemplo, Lévi-Strauss com “Tristes Trópicos”. Mas o que mais me marcou foi a disciplina sobre os Bororo com a Renate.

Então estudávamos monograficamente os índios do Brasil. Logo fui me apaixonando. Foi uma época muito tensa e de muito movimento por causa dos índios, porque tinha aquela discussão toda da autonomia, que queriam dar autonomia para os povos indígenas. Era uma coisa de cima para baixo: “dar autonomia legal a quem não tem preparo para conviver com a sociedade significa uma experiência fadada ao desaparecimento total dessas comunidades”. Então nós, os antropólogos, e os próprios índios, éramos contra. Então fazíamos movimento nas portas dos restaurantes [universitários], passeata, evento. Eu era muito ativa.

Pet Sociais: Você disse que se via como uma futura professora pesquisadora, porém mudou esse rumo ao ser convidada a trabalhar no Mato Grosso e depois no Paraná. Você via esse novo trabalho como uma forma de ativismo?

Mônica: Meu projeto de vida era morar em uma aldeia indígena, me dedicar a ser professora nessa parte de educação [indígena]. Mas quando eu trabalhava no Projeto Kaiová Nhandeva [uma ONG], tínhamos como perspectiva não interferir na educação, isto é, a gente iria trabalhar com os educadores e eles continuariam a programar sua educação como sempre foi, porque eles têm uma educação informal muito bem estruturada e não possuíam a prática de uma educação formal. Então a nossa ONG se recusava em dar aula direto para os índios ou aula com cartilha, como era feito em várias escolas.

Como consequência disso, a FUNAI não me deixou ficar. E foi um momento de guerra, na década de 1980, entre a FUNAI e os antropólogos. Quem não tinha licença era muito difícil conseguir. No meu Projeto estava indo uma psicóloga, uma enfermeira, outras pessoas da área da saúde e eu. Eles deram licença para a [funcionária] da saúde e não deram para mim. Então foi muito ruim porque eles não me deixaram entrar na aldeia e despedir dos índios. Os índios acham que os abandonei, que eu não dei conta e foi isso que foi falado para eles. Eu fui embora porque o Projeto me proibiu [de tentar me despedir], para não criar mais problemas com a FUNAI, porque os índios gostavam demais de mim.

Eu já estava vivendo com eles por três meses, eu já falava Guarani fluentemente, nenhuma das pessoas do Projeto conseguiu isso [tão rápido]. Fluentemente, dentro do que era necessário. É claro que eu tinha muito a aprender. E eles gostavam de mim porque eu incorporei essa coisa mesmo do antropólogo de respeitar, de agir como eles, de viver como eles. Eu dormia em uma rede, me vestia como as mulheres, mandei fazer roupas, saia de chita de flor igual às delas. Eu não tinha nenhum carro pra me levar e me buscar, eu andava a pé. Era muito longe. Ficava com a minha mochilinha nas costas, dormia em uma rede, e cozinhava em uma fogueira. Me dediquei de corpo e alma, numa casa como a delas, e isso incomodou. Porque eles começaram a me dar presentes que o pessoal, que estava lá há meses, nunca tinha visto e nem sabia que eles tinham. Tinham um bracelete de pena e uma bolsinha que já estava até toda comida de cupim e me deram. Eles começaram a me dar as coisas e me falar coisas que eles não falavam. E eu acho que comecei a incomodar o “chefão” lá da ONG. Hoje eu acho que ele não fez muito empenho para autorizar a minha permanência. Então eu voltei para casa e fiquei um tempo trancada no quarto, em choque com a diferença entre as culturas.

A Aracy Lopes da Silva conseguiu [aprovar] um projeto para o CNPQ de aperfeiçoamento científico, um projeto que você só fica pesquisando, não faz curso. E eu tinha que ficar um ano com os Kaingang e fazer uma pesquisa. A primeira parte foi um levantamento bibliográfico de tudo que foi escrito sobre os Kaingang. Depois eu fiz um relatório da minha vida lá. Era uma coisa mais etnográfica, de descrição, não tinha análise. Era um relato das mudanças, da vivência, da história do povo e um pouco do presente. Então, passei um ano como funcionária da FUNAI. Eu deveria dar aula, mas me recusei a dar “Caminho Suave”³. E comecei a fazer como eu fazia nos Guarani e como quebrei a cadeia que vinha sendo desenvolvida, eu incomodei os dois lados.

Os índios se sentiam incomodados porque eu não dava o que eles precisavam para prestar o exame necessário para eles estudarem no ginásio da cidade. E eles achavam que eu não queria trabalhar porque eu colocava o monitor indígena para dar aula para as crianças. Comecei a fazer com eles o que eu fazia com o outro projeto, como trabalhar matemática a partir do que eles conheciam, geografia, primeiro a aldeia e depois Londrina. Eu fui expandido a ideia de mapa.

³ Caminho Suave é uma obra didática, uma cartilha de alfabetização, concebida pela educadora brasileira Branca Alves de Lima.

Mapa para eles era uma coisa muito abstrata. Resultado: em um ano eu tive um problema. O mesmo chefe da FUNAI que estava nos Guarani foi para lá, e isso é uma coisa que não falei, nem sei se quero que grave ou não...

Pet Sociais: Você quer que desligue?

Mônica: Não, não.

Pet Sociais: Inclusive gostaríamos de saber, já que você falou na apresentação da defesa do memorial, por que você achou que não cabia trazer isto?

Mônica: É porque eu sofri um atentado mesmo... Foi uma coisa muito pesada, muito desagradável. Não gosto nem de falar. Graças a Deus não aconteceu nada efetivamente, mas foi uma tentativa. Mas eu tive que sair da aldeia. Na época fiz um exame de corpo de delito. A FUNAI falou que iria apurar, mas enfim ... O cara que entrou na aldeia era de uma importante família de sertanistas. E o que era o chefe da FUNAI era o tio dele. Com esses funcionários da FUNAI eu tive umas experiências terríveis. Eles não gostavam de antropólogos mesmo, perseguiam estes.

Há uma velha rixa entre os sertanistas e os antropólogos. Aí tive que sair, tive que ir embora. E aí não contei pro meu pai, nem pra minha mãe, nunca contei. Eles não sabiam. Conte pra minha irmã e meu irmão. Meu irmão morava fora do país, ficou desesperado pedindo pelo amor de Deus para não voltar mais para a área indígena. Mas eu ainda não tinha desistido porque era o que eu tinha programado para a minha vida. Só achei que tinha que ir para outro lugar. Aí ficou aquela coisa, voltei pra USP. Algumas pessoas queriam que eu fizesse uma denúncia e eu não me sentia amparada. Eu achei que não cabia a mim fazer isso sozinha. Achei que tinha que ter uma instituição, uma Comissão pró-índio, uma academia junto, mas não teria que ser eu. Tinham algumas antropólogas que estavam com problemas em áreas indígenas. A Dominique Gallois, que ficou muito minha amiga depois, a Claudia Andujar. Estava todo mundo com problema em algum lugar, e cada uma se virando e botando a boca no mundo... Decidi que não, até porque não queria que meus pais soubessem. Então a Aracy estava olhando para eu ir pro Norte, pra outra região que os índios protegiam mais os antropólogos e as tensões com a FUNAI eram menos complicadas e já

tinha uma tradição mais longa de presença de antropólogos. No sul não. O Sul sempre foi difícil. Por que? O que acontecia no sul? Eles tiveram uma colonização mais violenta. Os Kaingang foram exterminados nas construções das estradas de ferro. E a FUNAI do Sul dominava alguns dos Kaingang. Eles diziam o que tinham que fazer ou não. Isto nunca aconteceu com os índios do Mato Grosso e da Amazônia. Vocês conhecem, todo mundo vê, os Xavante, eles se impunham. Eles sempre se impuseram! Então a FUNAI tinha que dialogar com eles. A dominação no Sul ocorreu ao longo dos anos. Quando cheguei, a dominação já estava consolidada. Eles desestruturaram de tal forma a organização social dos grupos do Sul, que alguns grupos praticamente nem resistiam mais... Tanto que, eu não sei se comentei isso, acho que não comentei da aldeia... O formato da aldeia, eles destruíram completamente a forma de estruturar o espaço dos Kaingang. E eles aceitaram. Quando cheguei lá, uma pena que não trouxe as fotos, podia ter trazido as fotos pra vocês verem, eram casas de madeira construídas uma ao lado da outra, daquelas tipo palafita levantadinhas. Kaingang e Guarani moram longe, todos esparramados. Eu falava nas minhas aulas, era uma casa por exemplo no H [prédio da UFU] a outra no posto de gasolina [próximo à entrada da UFU, relativamente distante do bloco H]. Eles não têm essa tradição de morar perto. Mesmo assim, o cara que morava no H com o do posto de gasolina tinham que ser meio aparentados. Então era uma estrutura que não existia essas ruas, essas casas. O que a FUNAI fez? A primeira vez que eles construíram lares para os Kaingang, eles construíram essas casas, e aí eles escolhiam quem iria morar, inclusive quem iria morar ao lado de quem. Então desestrutura todo conjunto de relações sociais. Eu brincava com os alunos: Então você antes pedia sabão emprestado pro seu primo, agora você vai pedir pro vizinho que você jamais pediria numa organização tradicional dessa comunidade. Então isso bagunçou completamente. As pessoas que moravam umas ao lado das outras, as vezes não se davam historicamente, tinham brigas. Aí saíram dali para pior. Vou explicar, fizeram tipo uma vilazinha na parte de cima [da aldeia]. Isso era na parte de baixo da aldeia. Na parte de cima [fizeram] com casas de placas de amianto. No Sul placa de cimento no inverno é geleira, no calor é forno, literalmente. Mas as casas tinham distância, não eram todas coladas, tinham uma distância uma da outra. Mas era uma distância que eles [funcionários da FUNAI] não respeitavam, porque existe uma noção de quintal na casa indígena. Você não pode ir entrando sem chegar na porta e bater. Tem

um espaço ali delimitado, que é um espacinho simbólico. Pra quem conhece sabe, você bate palma, você não passa daquele espaço, aquele já é o quintal dele. Eles passavam tratores para fazer rua nessas partes. Eles fizeram uma cidadezinha, lá também de novo escolheram quem iria morar. Escolheram as funções das casas, fizeram as casinhas que a gente chamava de foça higiênica que era fora da casa. Eles [os Kaingang] botaram enxadas, tampavam, botavam enxadas, saco de arroz. Então assim, na aldeia que eu morei não aconteceu isso. Vou chamar de aldeia, vocês sabem que a gente não chama. Mas no lugar onde eu morei não aconteceu isso. Em partes mais frias do Paraná, muita gente começou a botar fogo no chão e morrer. Porque eram casas fechadas, não tinha uma estrutura como as que eles estavam acostumados a construir. As pessoas se intoxicavam com a fumaça por causa do frio, porque nem tinham cobertor. Eles esquentavam tradicionalmente era com fogo, dormindo próximo ao fogo, e também sem mobiliário... Eram adequadas à realidade deles. Aí deram cama, deram chão de vermelhão, não era nem chão de terra batida. Aí eles tinham que manter esse chão de vermelhão. Resultado, era o caos, entendeu? Eles eram completamente submissos, o chefe da FUNAI ali era o “cacique”. Ele que mandava, ele fazia e acontecia, fazia e desfazia, entendeu? Então era uma realidade diferente da que encontrei nos Guarani, e aí a minha presença causava incômodo pros dois lados, porque eu agia diferente da FUNAI, eu continuei agindo ali como agia com os Guarani, fui morar numa casa deles, me vestia como as mulheres deles, eu não tinha móveis. Eles perguntavam: Mas como você não tem móveis? Eles não tinham móveis, eu também não tinha. Eu tinha o que eles tinham, eu fiz isso o tempo todo. Então eu mandei fazer uns tapetes de retalho e eu “punha” os tapetes para sentar no chão, porque eles sentavam no chão nos sacos de estopa. Eu tinha meus “tapetinhos”, tudo bem, mas sentava no chão que nem eles. Então, assim, eu procurei mostrar para eles que eu estava ali como funcionária da FUNAI. Mas eu era uma pessoa diferente. Eles custaram, eles não queriam nem me ensinar a língua, porque a língua é uma forma de resistência. Eles falavam entre eles, e eu não deveria dominar aquela língua. Lá nos Guarani tudo bem, porque a ONG era confiável. Então, foi isso, foi uma experiência assim difícil, dolorida. Quando eles começaram a confiar em mim, a me receber melhor, a me acatar, veio esse chefe. Quando ele chegou eu já tinha avisado pros índios que eu iria sair. Mas não falei isso pra ele porque eu não ia ficar ali com ele,

porque foi ele que impediu minha entrada nos Guarani. Mas não deu tempo, ele... Acho que não quis arriscar, me ameaçou.

Pet Sociais: Mas aí nisso você voltou pra USP, e depois você volta para Uberlândia? Como foi essa volta?

Mônica: Eu voltei pra USP pra fazer o relatório, nessas alturas eu não tinha mais casa, já tinha me desfeito da minha casa. Então eu fiquei morando na casa de amigos, tentando fazer o relatório. E lá nos Guarani, eu tinha conhecido meu marido, meu atual marido, e aí eu tinha decidido quando eu saísse dos Kaingang eu ia morar junto com ele e ele morava no Rio de Janeiro.

Pet Sociais: Ele era antropólogo também ?

Mônica: Não, ele era agrônomo, mas no projeto dos Guarani era uma tentativa de ver o que iria fazer em termos de sustentabilidade pra eles. O que eles poderiam plantar, o que eles poderiam cultivar, o que eles poderiam fazer para ter sustentabilidade. Ele estava lá pra fazer essa análise. Quando não me deixaram entrar, ele ficou muito revoltado, porque a gente já estava envolvido. Mas ele ficou muito revoltado da forma como foi feita [minha saída] e ele saiu. Falou que não ficava, [que] era um absurdo, ficou desencantado e saiu. Pediu demissão do projeto e voltou para o Rio. Ele não tinha terminado a faculdade, voltou pra faculdade. E ele morava na Rural [Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro].

E aí, eu ia sair dos índios e ia morar com ele. A gente já tinha decidido. E de lá, eu ia ver o que ia fazer, se eu ia para outros índios... eu não queria voltar para Uberlândia. Eu ia morar com ele. Aí, eu engravidei! Aí, pronto! Acabou! Aí eu fiquei. Todo mundo [me dizia]: “Você não pode morar com índio sozinha, grávida!” e eu não estava nem aí, continuei com meus projetos, mas eu tive problema na gravidez. Os três primeiros meses, eu tive ameaça de aborto. Aí eu tinha que ficar quietinha, não podia né? Aí pronto. Voltei! [risadas]. Voltei para Uberlândia para dar a luz e aí quando eu voltei, eu, assim, eu não lembro mais exatamente como, mas ficaram sabendo da minha experiência e me convidaram para dar aulas na ABRACEC, que hoje é a UNITRI, no Serviço Social. Ah! Lembrei como! Lembrei! Tinha uma amiga que dava aula lá no Serviço Social e

que ela também trabalhou com índio, que ela também é antropóloga. Hoje a gente não tem mais contato, mas ela trabalha aqui em Uberlândia, ela coordena o Museu do Índio. É, a gente era muito amiga... E aí ela dava aula lá, no Serviço Social, e ela casou e ia mudar pro Rio, e ela passou as aulas pra mim. E eu falei: “Ah, vou dando aula até eu decidir né?” E aí fui ficando.

Pet Sociais: Como foi voltar e confrontar com essa Uberlândia? Já estava diferente?

Mônica: Sim, mas quando eu voltei pra cá eu queria, procurei outras pessoas para me relacionar. Já não era mais... eu procurava pessoas da universidade, que tinham uma [afinidade]... né? Aí tinha um pouco do estigma, né? [...]. Se eu chegava perto dessas pessoas, eu sentia que tinha um diálogo porque elas também estavam se rebelando contra o *status quo* de alguma maneira. Então, eu me envolvi com outras pessoas que tinham sido amigas de infância, mas que eu não tinha convivido tanto quanto na minha volta, né?

Pet Sociais: E logo em seguida você entrou na UFU então?

Mônica: Então. Aí eu comecei a dar aula de Antropologia no [curso de] Serviço Social, depois fui chamada para dar aula de Sociologia na ABRACEC e também em outros cursos e aí fui convidada⁴. Entrei na UFU como convidada, uma pessoa que ia se afastar para dar a luz. Eu não lembro como, mas ficou sabendo que tinha uma professora na ABRACEC que tinha uma “experiência ótima”, que veio da USP, trabalhou com índios. Sabe essa coisa de... né? O trabalho com índio realmente ele foi uma... abriu portas. E aí me convidaram para dar aula de EPB [Estudos de Problemas Brasileiros], não foi de Sociologia.

Pet Sociais: O que é EPB?

Mônica: Estudos dos Problemas Brasileiros. Era uma disciplina que era obrigatória no regime militar que tinha a função de dominação. A verdade era essa. [A disciplina] foi criada para falar, exaltar o regime militar, falar de ordem e

⁴ Nota da Editoria: ABRACEC, Associação Brasil Central de Educação e Cultura, mantenedora da Faculdade de Serviço Social de Uberlândia.

progresso. Tinha uma outra junto que chamava OSPB [Organização Social e Política Brasileira]. As duas tinham essa função de enaltecer o Brasil, o regime, o nacionalismo, entendeu? E o que acontece? O povo da História me pegou, que já era um pessoal velho de casa, que estava na universidade desde que... antes de ser universidade e também quando fundou, o pessoal que tá aí, muitos desses professores estão aí ainda, pessoal que tinha uma cabeça mais aberta, pessoal de esquerda que organizou a disciplina com o que ela deveria efetivamente ser, na cabeça dessas pessoas, um espaço de crítica dos problemas brasileiros.

Mônica: Então a gente discutia inflação, discutia reforma agrária, discutia multinacionalização da economia. Entendeu?

Pet Sociais: E foi fácil isso?

Mônica: Jamais... Foi uma queda de braço permanente né. Mas eu sou uma professora, né? A gente tinha textos de autores conceituados, cientistas sociais, historiadores da esquerda mesmo e alguns cursos aceitavam bem, outros não... Eu tive uma vez, na engenharia, uma menina que queria me agredir. Eu era novinha gente, eu entrava na sala e os alunos achavam que eu não era professora, eles achavam que era trote. Eu era uma menina quando eu comecei a dar aula, eu tinha... o que?... 25 anos. Baixinha, magrinha, né? Eu não era tão gordinha não, eu era mais magra um pouco.

E a gente dava a disciplina com rigor, os alunos tinham que ler, tinham que fazer e a gente reprovava. E essa menina, uma das melhores alunas da Engenharia, ela foi reprovada comigo, em EPB. Eu acho que ela pensava, “Ah EPB né? Vou fazer nas coxas”. [...] o pessoal dessas outras Engenharias, dessas outras áreas aí, eles não aceitavam serem reprovados pela gente.

Pet Sociais: Nesse período seus interesses profissionais, de pesquisa, foram mudando?

Mônica: Mas o que aconteceu? Quando eu entrei na UFU, quando eu fui chamada para dar EPB, começou a sobrar aula de sociologia e o que acontecia? Tinha um professor de antropologia, depois dois, que davam conta [das disciplinas]. Eram poucas disciplinas que a gente [ministrava] e ainda não tinha

um curso [de Ciências Sociais], a gente era dador [sic] de aula. Na antropologia, não tinha 20 aulas. Então, dois professores davam conta. Então, eu acho que eu pensei pequeno. O que eu pensei? Eu pensei “Aqui eu não vou ter chance de dar aula de antropologia, então...” E eu ficava dando aula só de sociologia que era o que tinha. Então eu comecei na Administração, dei muito tempo na Administração, na Psicologia como eu falei... eram os dois cursos que eu dava mais aulas. Eu comecei a estudar Sociologia do Trabalho que era a temática que eu dava. Então, eu comecei a estudar Sociologia do Trabalho e aqui todo mundo estudava trabalho quando eu entrei. Na História, na Geografia, na Sociologia... todo mundo estudava trabalho. Era uma coisa assim bem polarizada, sabe? E aí eu fiz um projeto para entrar na USP na Sociologia do Trabalho.

Desde quando eu comecei a dar aula na UFU eu não tive outra vida. E é isso que eu falo do meu trabalho é verdade, meus filhos não me viam fim de semana, sabe era só aquele momentinho de folga. Aquela história, aquele discurso, o importante é a qualidade e não a quantidade que você fica com o filho, que é um belo discurso. Então eu embarquei nesse discurso, que era conveniente pra mim. Na época eu não pensava dessa forma, não tinha tanta clareza. E eu só trabalhava, fim de semana, Sábado, Domingo e feriado. Eu não tive férias durante o tempo que eu trabalhei na UFU, mais de trinta anos. Se eu tirei férias duas ou três vezes foi muito, foi muito mesmo, nunca tive férias, eu só trabalhava, né? E aí quando, antes de acontecer tudo isso, eu ainda fiz umas coisas de índio aqui na cidade. Eu não desisti fácil não. Eu fiz um concurso com as escolas. Acho que isso eu não coloquei porque... eu tinha esse material até pouco tempo dentro de uma caixa, com as redações. Eu comprei do meu bolso livros de histórias feitas por índios ou de antropólogos e fizemos um concurso na cidade junto com a Diocese. Premiamos as melhores redações, os melhores desenhos, demos livrinhos de presente, fazíamos palestras nas escolas. O tempo todo. Quando voltei pra Uberlândia continuei engajada, né?

E aí quando eu comecei a dar aula só de sociologia, sociologia... sociologia. E aí apareceu essa oportunidade de fazer o mestrado. O pessoal fazia [mestrado] viajando e eu inclusive, né? Tinha uma vaga na sociologia e na antropologia. Na antropologia quem tinha [vaga] era a Aracy, no PICD [Plano Institucional de Capacitação Docente]. Mas eu não tinha direito a PICD, então prestei na sociologia. Então foi uma coisa meio assim, meio eu vou me especializar no que estou trabalhando. Eu montei o Museu do Índio, né? Na verdade, eu montei,

organizei. Mas não tinha gente, não tinha expectativa, a gente não tinha projeto como tem hoje, a gente não tinha verba como tem hoje. E assim é... eu não vi, foi limitado, eu não vi expectativa de que a antropologia crescesse um dia na UFU. Até um colega meu que hoje é professor da USP, ele é professor lá na administração da USP, ele é sociólogo, muito meu amigo, o Iran. O Iran Rodrigues, ele é da sociologia do trabalho, na época que eu trabalhava sociologia do trabalho, ele falou pra mim um dia: “Você tá abrindo mão do que você ama, do que você gosta, do que você nasceu pra fazer porque você não acredita no futuro. Você tem que acreditar nesse futuro.” Porque eu não estava conseguindo terminar o meu trabalho. Gente! O “trem” da sociologia do trabalho não andava, não ia pra frente. Ele falava: “Mônica, mas não tem nada a ver com você sociologia do trabalho, você está no lugar errado porque você não larga tudo então vai fazer antropologia?”. Só que eu já tinha uma bolsa de dois anos, né? Eu não podia simplesmente abandonar. Resultado: foi aquilo que eu contei... eu contei, né? Eu cheguei para a minha orientadora e ela falou: “Olha eu não entendo, você é uma professora universitária, você é uma menina inteligente, há anos que você está aqui e essa qualificação não sai. Tá faltando paixão.” Ela falou desse jeito pra mim. [...] Aí eu brinquei “se você quer paixão então vamos falar de comida”. [Falei] brincando porque eu já estava acuada, entendeu? Ela fechou tudo, guardou na gaveta e falou: “então vamos falar de comida”. Abriu uns negócios, pegou e começou a passar referências. E eu estava achando que ela estava brincando. E ela não estava, aí eu mudei completamente. Desde pequenininha eu fui envolvida com comida. E aí era uma paixão na minha vida. Mas jamais passou pela minha cabeça que um sociólogo estudaria comida. Eu sabia que nutricionista estudava comida, até historiador eu conhecia, mas sociólogo estudar comida, eu juro que eu não conhecia.

Pet Sociais: Você consegue olhar para trás e perceber que isso foi uma paixão despertada desde infância? Na família?

Mônica : Minha mãe nasceu em 1921 ou 1919. Era a mais nova da família e foi criada ao contrário de todas as irmãs dela. Ela pode estudar. Naquela época não se fazia curso superior, se fazia o Normal [ensino médio] e minha mãe fez. Foi professora e trabalhou fora a vida toda. As outras [irmãs] todas foram criadas para serem donas de casa. A minha irmã ainda fez curso de culinária, curso de

bordado, um monte de coisa. Já eu, nada disso, fui levada para outros cursos, fazia curso de francês... outras coisas. Minha trajetória foi outra. Resultado? Minha mãe não deixava entrar na cozinha, ela proibia as empregadas, não queria que as filhas dela aprendessem a cozinhar e fossem donas de casa. Olha que absurdo! Eu e minha irmã entrávamos escondido, pegávamos fogãozinho de lenha. Eu ficava desesperada para cozinhar, então eu brincava muito de casinha, sempre cozinhasse lá nem que fosse com terra, pedaços de folha. Minha irmã cozinhasse muito bem e como ela casou muito nova, ela foi fazer esses cursos. Aí ela me ensinava e eu ficava apaixonada com os cadernos de receita, com as empregadas fazendo coisas e eu ficava junto, bisbilhotando. Quando a minha irmã teve a primeira neném, minha mãe teve que ajudar e tive que ir para a cozinha na marra. Eu não sabia fazer nada, praticamente só esquentava. Mas aí eu criava, fazia vários omeletes, eu era incapaz de repetir omelete... tudo que eu fazia era criativo. Era uma coisa minha, porque sempre fui proibida. Eu não sabia fazer arroz, não sabia fazer feijão, fritar bife, então só fazia coisa chique, só sabia fazer prato fino, doces finos, tortas... Minha mãe era doceira, fazia doces maravilhosos, mas detestava cozinhar, odiava cozinha. Casou sem saber cozinhar. Minha irmã se tornou chef de cozinha e eu me tornei estudiosa de alimentação.

Agora na família do meu pai era o contrário, porque eram libaneses. Eles gostam de reunir todo mundo na cozinha para ajudar, provar e fazer tudo. Minha mãe tinha família na fazenda, eu ia muito e lá deixavam a gente mexer.

Pet Sociais: E essas experiências familiares, de certa forma, influenciaram sua abordagem para pensar a alimentação?

Mônica : Quando ela [minha orientadora] falou para estudar alimentação, eu não sabia o que estudar. Aí comecei os teóricos. Li o Câmara Cascudo, *História da Alimentação no Brasil*, e Brillat Savarin que escreveu *Fisiologia do Gosto no século XIX*. Eu fui ler obras teóricas e literárias e, a partir disso, fui tentar entender o porquê a comida me inquieta tanto. Me coloquei essa pergunta: Por que mineiro é tão associado à comida? O motivo que faz com que a comida seja tão importante na vida do mineiro, o que passou a ser a cozinha, o fogão à lenha, pão de queijo. Foi essa minha pergunta e fui atrás disso.

Pet Sociais: O que a Mônica de hoje, ao analisar sua trajetória de vida, falaria para a Mônica do passado?

Mônica: Uma coisa é certa... que pra mim sempre foi a coisa da paixão, sabe assim, por mais sisuda que nossa profissão seja – e de fato ela é. É uma profissão sisuda, é uma profissão dura, com suas leituras densas e conteúdo pesado. Eu nunca esqueço uma mãe de um aluno que estudava aqui na Universidade. Este estudante hoje é mestre em Ciências Sociais. [...]. Certa vez, a mãe desse estudante me procurou e disse que precisava muito conversar comigo. Seu relato estava diretamente relacionado à preocupação com o filho. Ela relatava:

- “Ele está muito estranho, revoltado, passou a criticar tudo, fala [da relação] do pai dele com os empregados.” “Além disso, [...] diz que não acredita mais em Deus!” É importante ressaltar que a mãe deste aluno é muito fervorosa [...]. Após essa fala, pude notar o quanto ela estava apavorada, na tentativa de solucionar o “problema” ela disse:

- “O que você acha que eu faço? Você acha que eu levo ao psicólogo?” Aí eu falei: - “[risos] não, é normal” E ela: - “Como que é normal?” e eu: “É normal, quando a gente entra, a gente tem um choque, depois a gente se acomoda dentro dos caminhos.”

Comigo também foi parecido, quando ingressei no curso de Ciências Sociais, por conta da minha trajetória ingênua, recordo-me que ao sair de Uberlândia, com a minha turminha de “patricinhas”, que eu não vou repetir a palavra feia. A gente frequentava a missa de Segunda a Domingo. Depois, com o passar do tempo em contato com esse novo universo, eu tive vários conflitos. De fato, ao entrar no curso temos realmente um choque. Acho importante a gente ficar atento a esses estranhamentos e saber lidar com eles.

Em vista disso, acho que é natural na nossa área, porque é uma profissão extremamente crítica, são pessoas que questionaram, que foram à frente do seu tempo e eles acabam nos influenciando. Eventualmente, depois de todos os estranhamentos, creio que a maturidade vai trazendo uma acomodação, porque a gente não joga fora toda uma trajetória de dezoito, vinte anos de vida quando a gente descobre coisas novas. Pois, existe um diálogo, assim como tem diálogo entre tradição e modernidade.

Acredito que seja uma questão de tempo. Cada um tem o tempo certo... [risos] Engraçado eu falar isso, porque eu sou mãe. A gente tem que ter paciência com os nossos pais. Porque eles não vão entender essa mudança tão radical, nesse sentido, irão culpar o curso, vão ficar irritados. Essa preocupação e todas as indagações que sempre escutamos, como por exemplo: “o que é que você vai ser?” “O que você vai ser? Que trabalho você vai arrumar?”, são comuns. Essas são preocupações com a nossa área, sendo assim, podemos concluir que é um campo de estudo que a gente tem que ter firmeza do que quer, e paixão. Eu acho que sem paixão a gente não faz nada.

Creio que hoje devido ao contato de vocês com a disciplina de sociologia desde o Ensino Médio, vocês têm uma escolha, mesmo que muita gente entre no curso relatando que: “ai, queria entrar nisso, mas não, deu só aqui”. Ouvi isso várias vezes: “Queria direito, mas não deu estou aqui”. A questão é, hoje vocês têm mais esclarecimento, que eu talvez não tivesse tanto quanto as pessoas têm hoje. Precisamos ter sensibilidade com nós mesmos e com as pessoas que nos cercam. Digo isso, porque, aprendi em Uberlândia, não sei de onde vocês são, mas, estou vendo tomar proporções preocupantes com essa polarização, entre, “golpistas e não golpistas”, enfim⁵. Precisamos respeitar as pessoas que pensam diferente da gente, isso é fundamental.

Como Sociólogos não devemos desqualificar o outro por ele pensar diferente. E isso está me incomodando muito na situação que estamos vivendo, porque eu tenho muitos conhecidos, eu sou de Uberlândia e moro nessa cidade, tenho amigos que apoiam a Dilma, como também tenho aqueles que são a favor do impeachment. Eu não sou a favor, mas, eu não vou romper com essas pessoas, porque elas pensam diferente de mim. Eu não acho que é esse o caminho.

Dentro dessa lógica, o contrário deveria acontecer, fica mais nítido, que elas deveriam romper comigo, porque eu não sou capaz de ouvi-las. As pessoas podem não ser capazes de me ouvir, mas eu tenho formação para ouvi-las. É preciso ter paciência com elas, respeitá-las e tentar dialogar. A gente causa estranheza, incômodo, porque temos um instrumental teórico que nos possibilita uma visão diferente do mundo, o qual, vai nos afetar. Eu tinha uma colega que falava assim:

⁵ Golpe fora utilizado para definir o processo de Impeachment que foi realizado contra a ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff.

- “Eu sou pelega mesmo, eu sou socióloga pelega, pode me chamar, eu gosto de trabalhar na empresa e na área de recursos humanos, gosto de vestir a camisa da empresa, eu não sou revolucionária que nem vocês” ela falava. É a opção dela, ela teve o instrumental na mão e optou pelo positivismo [vamos dizer assim]. Enfim, acho que nossa profissão exige isso de nós.

Gostei da sua pergunta, embora eu nunca tinha me visto dessa forma, sabe, em minha mudança de tema. Pensando na sua pergunta, desde o ovo, eu recusei a fazer uma omelete simples, desde o ovo. Então eu nunca fui de repetir a mesma omelete, isso está até em mim. Eu acho importante, pois, é assim que a gente avança e constrói conhecimento, não repetindo a receita. Nesse caso, o Luciano [Senna Peres Barbosa]⁶ pode falar melhor que eu de cultura, tradição e inovação. Cultura não congela, cultura não é uma coisa que colocamos em uma redoma, acho que a nossa vida também não. Creio que a vida é dinâmica e precisa estar aberta a todas as possibilidades e essa coisa de repetir é muito triste. Porque tem gente que repete cartilha, que você não consegue conversar, pois, não é ela que está falando, e isso é inadmissível para um sociólogo, mas, temos, muitos, que não dá para conversar porque se você pegar uma cartilha qualquer, está lá. Então, eu me pergunto o que aquela pessoa está trazendo para a vida? O que ela traz de novo? No que está contribuindo? Acho que o que eu tenho a dizer é um pouco isso, nem que seja uma salsinha, mas, bota no ovo, não coma o mesmo todo dia. Eu não sei se tenho mais coisas a dizer... O que sei é que fui muito feliz na minha escolha. Não me arrependi.

⁶ Luciano Senna Peres Barbosa, então coordenador do Curso de Ciências Sociais da UFU e responsável pela entrevista. Correio eletrônico: lsenna@hotmail.com.